

# Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

## DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Anuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 5 de abril

## Uma differença

Os progressistas, que nas provincias se conservam mais fieis aos chefes do que na capital, mas que sentem pejo da sua ultima gerencia, d'aquella em que ainda se ignora o destino d'uma certa —Metade— dizem-nos para a desculparem «*tão bons são uns como os outros, todos lançam impostos, e criam empregos.*»

Não accetamos a desculpa.

Não ha paridade entre os progressistas e os regeneradores no governo.

Se todos criam empregos e lançam impostos, ha uma differença capital nos fins e nos resultados.

O plano, o intuito dos regeneradores, o do seu fallecido e honrado chefe, tinha dois periodos—no 1.º era necessario crear fontes de receita, e levantar o paiz do seu abatimento, habilitalo para a vida economica moderna, sobretudo melhorar a circulação, que era morosa e difficil—no 2.º, o rendimento maior das forças productivas, que d'ahi resultasse, devia a pouco e pouco compensar os sacrificios, e satisfazer aos novos encargos.

O sr. Fontes podia ter exaggerado o seu plano, mas que não se enganou nos seus efeitos, prova-o o facto de os impostos antigos terem rendido sómente em quatro annos, desde 1886 a 1890, mais 2:300 contos, que nos anteriores.

Este facto, como se sabe, denuncia, que cresceu a materia collectavel, e portanto a riqueza geral.

A ideia, porém, de moderar o progresso, o fomento, apresentava-se como rasoavel e prudente, comprazia a muitos e até ao auctor d'este artigo, que n'um folheto intitulado a *Politica e as Finanças*, dava as razões economicas, por que os governos deviam attender-lhe.

A opinião andava perplexa entre os arrojados d'aquelle illustre homem d'estado, e as arguições palavrosas, e

facciosas dos seus adversarios.

Apregoavam estes o zelo, a honestidade, a energia, com que iam restaurar as finanças, extinguir o deficit, simplificar os serviços, evitar os impostos e os emprestimos—e não é preciso repetir as contradicções com que no poder atraçaram todo o seu programma, e todas as suas promessas, como burlaram a opinião, como indignaram toda a gente.

A acção intensa dos governos regeneradores animou sem duvida a vida nacional, mas uma parte da nossa prosperidade era apparente, ou devida a capitaes extranhos, vindos da nossa colonia do Brazil, e dos emprestimos successivos—os encargos iam subindo, e se não correspondiam a essa riqueza, que não dependia só de nós, muito menos estavam em relação com os nossos recursos proprios.

Portanto desde que o Brazil deixasse de verter sobre nós a sua cornocopia d'ouro, e não podessemos recorrer ao credito estrangeiro, uma crise monetaria e economica era inevitavel.

E é nos momentos proximos d'essa crise, que um governo progressista ousa commetter excessos, que de todo compromettem as finanças!!

O problema financeiro não consiste na extincção do deficit—para o que faltam oito ou nove mil contos.—Se forem cobrados rigorosamente os direitos de transmissão onerosa e gratuita e um pouco mais que se augmentem os outros impostos, excepto os do consummo, que devem antes diminuir, o deficit ficará extincto.

Mas a balança do commercio é contra nós—a importação excede a exportação em vinte ou trinta mil contos—o estado, para satisfazer ás despesas, precisa hoje de cincoenta e oito mil contos—d'estes uma parte sahe para os juros da divida—que ascendem hoje a mais de oito mil contos.

Sahirão do paiz annualmente pelo menos trinta e

oito ou quarenta mil contos.

Será tolerada no primeiro anno essa falta? no segundo é intoleravel—e no terceiro ou quarto a bancarrota.

Assim, pois, continuem as reduções, as quaes todavia não remedeiam o mal, que apontamos, mas alliviam o thesouro, *compremos ao paiz o mais possivel, e façamos um grande esforço de actividade productora*, principalmente na agricultura e nas industrias annexas.

E nas circumstancias, em que nos achamos, ainda será uma necessidade, e uma vantagem recorrer ao credito. A crise monetaria obriga. Mas calcule-se tudo em relação aos nossos recursos proprios e constantes. Não nos illudamos com a acção dos capitaes adventicios.

E' util sem duvida, mas não nos regulemos por ella.

Vejam, como era inconsciente o chefe dos falsos progressistas—quando diziam *restauramos as finanças*—e como era charlatão o famoso ministro que foi o maior dos *restauradores*, quando depois das suas conversões, e dos telegrammas aos intimos, vinha embair os credulos affirmando «*o nosso credito se robustece—a nossa transformação economica realisa-se!*»

Realisa-se? que vos parece?!

*Lourenço d'Almeida e Medeiros.*

## CONFRONTOS

### XII

Quando em novembro de 1886 o bando progressista venceu por meios *legaes e honrosos* a eleição da camara, o sr. Fragateiro no seu *Povo d'Ovar* de 21 d'esse mez, tardo de preto, começou assim o artigo editorial:

«**O futuro do concelho.**— Não triumpharam: levaram d'assalto, á «cabralina», uma eleição em que a maioria enorme do concelho lhes era e é adversa; mas perante o vinho, as arruaças, os crimes e, principalmente, a força armada, disposta a impedir a votação, era impossivel ir á urna. Todo o concelho tem presen-

ceado os actos dos vandalos, dos esfomeados que quizeram empalmar uma eleição para pagar ao medico Cunha dinheiro que elle não ganhou: ao administrador do concelho os ordenados, quando elle está em divida para com a Fazenda Nacional: aos empregados da administração, quando ha outros legalmente nomeados e ainda não demittidos: e dar aos «affectos» os bens municipaes, os maninhos e principalmente a Estrumada.

Foi para isto e sómente para isto que elles empregaram as maiores violencias, commetteram os maiores attentados, arrombaram as casas dos cidadãos, fizeram «esperas» com o intuito de espancarem e maltratarem.

Governando os vandalos amanhã, abusando descaradamente como tem abusado da auctoridade administrativa, o que será do concelho?

O futuro está bem patente— todos viram como esses selvagens, esses limonadas, atacaram a Estrumada, ainda ha dias, derrubando e roubando enorme porção de pinheiros aos gritos de «Isto é nosso! isto é nosso!» Ahí está a senda que elles trilharão ao entrar na administração municipal.

Os limonadas atulharão as secretarias de empregados, porque trazem atraz d'elles uma turba famelica que quererá esburgar os cofres camararios em quanto lá houver alguns reaes.

Essa turba ha-de querer comer até á ultima o que a todo o concelho pertence.»

E termina:

«Povo, vae começar uma epocha maldita, vae começar o sacrificio.

De joelhos e oremos pelo futuro do nosso infeliz concelho.»

Ajoelhemos, pois...

Do mesmo jornal de 3 d'abril de 1887:

«O Berlengas—Os apertos.— Mistura de odio e de cynismo, de crapula e de rancor, o Berlengas faz-se o estandarte d'um bando, que ia á conquista do vello d'ouro, a Estrumada e o cofre municipal.

Myope d'alma e de vista, pequeno em todos os seus actos, apesar de grande em corpo, vingativo sem ter a coragem de aggreir de frente, ambicioso e mesquinho, sorrindo sempre amarellamente para qualquer individuo, com vontade de cravar o punhal lendario no peito d'aquelle que não subcrever os seus infames planos,

o Berlengas pede a subservencia de todos os seus sequazes, de todos os criminosos de que se rodeia.

Chama a si todos os que precisam de comer, de roubar, porque elle precisa tambem de roubar, de comer, como os Berlengas antigos precisaram de comer, de roubar.

O Berlengas é uma anomalia social.»

Admire-se...

Vejamos por fim o artigo «Escalpellido» do *Povo d'Ovar* de 3 d'abril de 87:

«**Carga d'Ossos.**— Assassinar, que importa! roubar, que importa! passar dinheiro falso, que importa! se os crimes ficam no rol dos esquecidos, se os criminosos passeiam livremente, arrogando-se importancia.

Elles vão procurar a realisação das aspirações que não teem, que nunca tiveram: elle o cynico vendido, de rosto sorumbatico, d'aspecto medonho, carrancudo, atravessa a multidão que ainda ha pouco o não conhecia e olha hoje com rancor, pensando na justiça que o ha-de metter nos calabouços, que o ha-de dar á sociedade em reparação do ultraje que soffreu.

Eu, o proscripto, habito o abysmo de uma sepultura e assisto na sombra á vil felicidade de um crime; vejo o opulento esbracejar d'uma fortuna arranjada vilmente á custa da liberdade de um desgraçado de Pardilhó; á noite, quando me evolo das sepulturas, visito as casas em construção e conto os madeiros alli pregados para vêr se por elles se podem contar os crimes.

E pé ante pé vou escutar o desgraçado que se deixou vencer completamente pelo desejo animal de accumular ouro sobre ouro á custa das lagrimas dos desgraçados revendedores que não ganhavam para lhe pagar os *augmentos*.

Eu, o *Espectro* justiceiro, vello e faço tremer os cynicos *Carga d'Ossos* que realisam as suas aspirações roubando tudo e todos, que esfolam os ultimos reaes quando lhe asseguraram que uma villa inteira pagaria se elle, o capitão mór de todos os ladrões, perdesse algum real.

*Carga d'Ossos*, não te deixarei. Cumpre o teu fadario e sê maldito.—*Espectro.*»

Confronte-se.

## PROPOSTAS

Para o anunciado jardim, grandes e coreto para musica na alameda (que foi e que é preciso acabar de destruir, como os bancos que n'ella existiram) dos Campos, já lá se vê algum do capeado de cantaria da destruição das avenidas e ponte do Casal, e annuncia-se agora que vão brevemente começar as obras do jardim dos Campos, visto a camara ter em seu poder a planta dos muros e gradeamento.

O anunciado jardim do largo da Pôça, também ha-de vir, porque é preciso destruir essa alameda, e ha de ser obra tão perfeita e acabada, como a do largo do Hospital, conhecido já pelo jardim da estrela, parto do sr. vereador Fragateiro, seu pae, manas, manos, padres Baptistas, Farrapeiras, Picos, e companhia, e n'elle collaborarão também o sr. José de Mattos, seu genro sr. Ramada, tio e primo do sr. Fragateiro.

As annunciadas novas praças de hortaliças, gallinhas, fructas, virão também, porque o sr. Fragateiro disse que havia de destruir tudo.

Das annunciadas estradas do Sobral, S. João, Granja, Saude, S. Donado, Guilhovae, Marinha, Vallega, Arada, etc., etc., quem pôde duvidar?

Pois não veem os engenheiros a tirar plantas e o sr. Fragateiro e o seu presidente seu chefe, a classificá-las, algumas d'ellas com dois ramaes, para que todos fiquem contentes?

Quem pôde duvidar dos novos Paços do Concelho, que primeiro se annunciaram destruídos desde os alicerces, depois reformados, chegando a annunciar-se o dia em que começava essa meia destruição, e que agora volta a annunciar-se que a destruição será completa?

Quem pôde duvidar dos melhoramentos annunciados no Hospital, depois do que alli se tem já destruído, — do accrescentamento da iluminação publica com 20 candieiros, que para o anno fica completa em toda a villa—da reparação das estradas do governo ao poente da linha ferrea, que importam de per si só um melhoramento, á semelhança da venda da facha de terreno do largo do Martyr, no dizer do sr. Fragateiro, para este municipio?

Só aquellos que não conhecem bem do que é capaz o sr. vereador Fragateiro e o seu presidente e seu chefe, investido com o seu camartello de civilização.

Pois não viram o que era o cofre municipal em 1886?

«O cofre, instituição maravilhosa, unica, salvaterio e refugio de muitos calotes, amparo de muitos

vadios, o cofre seria tudo, se não fosse ter de passar para o recebedor, uma entidade ingrata, incomprehensivel, que não dá sem que venha o mandado.

Que pena! O que o cofre seria se não olhasse por ello a lei, representada nos recebedores!

Os foguetes, a musica, o vinho, o pão, a vadiagem, as policias, as bombas, os atrasos nos pagamentos, etc., redobriariam córte todos os dias.

O cofre ha de pagar tudo, porque não ha remedio para isso.»

E' o sr. Fragateiro que fala. E o que é o cofre municipal em 1893, depois do já agora historico camartello civilisador?

E' esbulhar d'elle o recebedor da comarca, e nomear seu thesoureiro privativo, caucionado em dez contos de réis pelo pae do sr. Fragateiro, com a percentagem legal do sr. Fragateiro filho.

Pois não viram o que era a Estrumada (pinhaes municipaes) em 1886 e 1887?

«A Estrumada é o vasto campo para onde oham os influentes. Elles, pobres diabos, viviam ha pouco como vivem hoje sem um palmo de terra. A Estrumada é larga e enorme, e aquelles pinheiros altos, esguios, como estandartes da revolta contra a anarchia que lavra por entre o povilên pacato, aguçam a cubiça dos potentados.

E elles nas suas furias, nos seus ataques de loucura, já pensaram em pedir indemnizações pelos serviços prestados a uma causa perdida.

A retaliação vem quando o machado destruidor bater compassadamente nos troncos dos pinheiros altos esguios, levantados alli como estandarte de revolta, o povo os sentirá como golpes de punhal abertos na nossa riqueza concelhia. E' que os espancadores em vez de derrubar homens, precisaram de derrubar pinheiros, em vez de crimes, precisam de dinheiro.

E depois d'isto, quando nos cofres particulares já houver bastante dinheiro, elles irão arrematar, fingir que compram maninhos, grandes partidas de matta para se poderem apresentar como grandes proprietarios.

Para além do Carregal apparecerão grandes quintas muradas pelos modernos mestres d'obras, de casas feitas com madeiras da Estrumada, sem que o cofre tenha recebido um centil.

E' que esses modernos proprietarios terão recebido bem as lições do homem da palha, o inclito fornecedor.

Os exemplos aproveitarão, mas o peor será a distribuição da preza.

temunhavam profunda miseria, e contudo não estava alli uma só que, ao entrar, não tivesse comprado uma vellasinha de cera para depor em seguida aos pés de Nossa Senhora.

—Protegei meu filho!... protegei meu marido!... protegei meu pae! diziam ellas com voz supplicante entrecortada de soluços.

—Protegei a Italia!... implorava uma pobre viuva que nada mais tinha que a patria a quem amar. Livrai-nos dos tyrannos.

Thereza era geralmente timida, porém as pobres não lhe causavam susto. Aproximou-se docemente da viuva e fez-lhe signal para se iz rennir a ella, no portal.

—Porque choraes d'essa maneira, minha boa amiga? —lhe perguntou ella, deixando-lhe uma esmola na mão.

Porque choro? pois não sabeis, senhora?

—Não sei...izei depressa.

—Como? Não sabeis que rebentou a guerra?

«Aqui d'el-rei ladrões.—Acorda povo, porque se não acordas, os pinhaes municipaes que são teus, e que servem de abrigo á tua proriedade, antes de seis mezes têm desaparecido; e senão haja vista o que se tem roubado ha um mez desde que a camara intruza e do cacete governa!

Abaixo, povo, os ladrões dos pinhaes municipaes, abaixo os ladrões que em novembro ultimo proclamaram a sua destruição e o roubo, e que agora os estão roubando com a maior audacia e descarol!

A'lerta, povo, olha que os que foram teus sicarios e assassinos, são os que te estão roubando agora em proveito seu, do que só era teu. A'vante, povo, olha que amanhã será tarde, porque estarás roubado de tudo!

Não esmoreças nem te deixes abater, confia, povo, no teu direito e na tua justiça.

Sabes como acabaram os teus assassinos e ladrões antigos, e os actuaes não terão melhor fim, porque são mais torpes e perversos, mais vis e infames! Não os conheces? Queres os seus nomes e os seus feitos?

Breve os lerás.»

Foi o sr. Fragateiro quem falou!

E' ainda o sr. Fragateiro quem fala em 1888.

...«Elle via levantar se um côro de imprecações, a repulsão manifesta sentida ao contacto do criminoso, do maldito. Como polypo lançava os tentaculos para os bens da comunidade, querendo sorver grandes pinheiras, sem se lembrar que outr'ora o povo fizera justiça, queimando a casa d'um ladrão, que se assenhoreava de grande parte da Estrumada. A tradição ainda se não tinha quebrado; julgava-se a causa e era o effeito.

...Era apenas o descendente d'uma raça degenerada e precita, cumprindo o seu fadario...»

E o que é a Estrumada (os pinhaes municipaes) no anno da graça de 1893?

E'... a venda das mondas e matto dos novos pinhaes municipaes por 23\$300 réis, e dos pinheiros derrubados pelo temporal, com os que se lhe accrescentaram, por 84\$800 réis — é... a venda dos pinhaes municipaes ao nascente da linha ferrea, comprehendendo o chamado «pinhal da camara», o mais importante d'elles, avaliados proximoamente em 30 contos de réis, quando a camara d'então devida e legalmente auctorizada tentou vendel-os, feita por uma forma e processo de invenção do sr. vereador Fragateiro e do seu presidente e seu chefe, assistidos dos compadres e

—Rebentou a guerra?... E contra quem?

—Os francezes entraram na Lombardia para vir em nosso socorro. O rei Victor Manuel e os sardos acompanharam-os... Batem-se contra os austriacos.

—Contra os austriacos? —Que já soffreram uma grande derrota em Magenta.

—E qual é o motivo da guerra? Tinhaes razão de queixa dos austriacos?

—Se tinhaes razão de queixa? E sois vós, senhora, que o perguntaes?

Vós, a quem elles fizeram tanto mal; vós, a filha do bravo Sargata que elles fuzilaram atraz da egreja de Santo Alexandre; vós, a filha da infeliz Amelia que elles chibataram na praça publica, e que perdeu a razão em seguida aos tratamentos que lhe inflingiram; sois vós que perguntaes se temos razão de queixa dos austriacos?

—Meu pae fuzilado e minha mãe louca! exclamou a donzela juntando

amigos, sollicitados e rogados para a compra, incluindo o pae do sr. vereador Fragateiro e o seu amigo e confrade sr. Peixoto, para que essa... venda (de que se occulta a importancia) produza para todos os melhoramentos annunciados e não annunciados, e não possa ser acoiada em tempo algum d'um syndicato-panamá.

E' que em 1893 o sr. vereador Fragateiro já tinha empunhado o seu camartello de civilização (é elle que falla) para a destruição dos pinhaes municipaes. E' que em 1893 viu que a Estrumada chegou ao seu completo estado de maturação, que se deprecia consideravelmente, já pelos roubos, já pela acção do tempo que apodrece as madeiras: que o grande capital immobilizado pôde ser applicado a grandes melhoramentos de grande utilidade publica.

«Debalde se lhe chama patrimonio dos pobres—debalde se ensaiam phrases de effeito com que se tenta mais uma vez illudir o povo. O povo sabe bem que a camara administra bem os bens do municipio...»

E' o sr. Fragateiro que fala. Resumamos: «são (é ainda o sr. Fragateiro que fala) 100 ou 150 pobres que se aproveitam dos pinhaes municipaes, e é o sr. Manoel Arala que tem uma boa parte da sua fortuna em pinhaes e matto, uns e outros desenvolvidos, que não quer a venda dos pinhaes municipaes, para lhe não fazer concorrência aos seus!!!

E' ainda o sr. vereador Fragateiro que falla!

E' que em 1893 o sr. Fragateiro e o seu chefe sr. Valente, são vice-presidente e presidente da camara municipal d'Ovar, por obra e graça d'uma reconciliação sincera, e tão sincera e tão constricta, que os ladrões e assassinos d'hontem, são uns benemeritos hoje,—tudo para ventura d'este municipio.

Os que dauidam do que vale e do que é capaz o sr. Fragateiro e o seu chefe, sr. Valente, em prol da prosperidade e engrandecimento do municipio que administram, esperem um pouco mais, e verão que exemplos de abnegação, de desintarêsse e civismo!

## NOTICIARIO

## Theatro

Casa cheia, domingo, n'aquelle theatro. Rompeu o espectáculo annuciado pelo drama *Ermitão da Cabana*.

Foi bom o desempenho nos tres actos, salientando-se sem duvida pela sympathia e força dos papeis, dr. Lopes e o sr. Ferreira de Liz.

O entre-acto *O quarto com duas camas*, magnifico. Foram cheios de graça os srs. dr. Sobreira e Coe-

as mãos. Oh! o odio tresloucavos... Se esses factos fossem verdadeiros eu os conheceria...

Meu pae fuzilado!... minha mãe louca!... Mas, então, fallai... explicai-vos... senão eu vou enlouquecer também.

—Vossa mãe era bella como vós, senhora; como vós era meiga e boa, vosso pae amava-a com idolatria; mas ambos soffriam por ver esta nossa bella patria sujeita a outro estrangeiro. No anno de 1848 as vexações e crueldades dos austriacos foram taes que toda a Lombardia se levantou contra elles.

Em Brescia, mais que em outra parte, a revolta foi terrivel; homens, mulheres, creanças e donzellas, n'uma palavra, todos, tomaram parte n'ella. Vosso pae era o chefe dos revoltosos e vossa mãe combatia a seu lado. Como eram bellos na sua colera e como a multidão os acclamava! Nós contavamos com a victoria, porque Deus nol a devia... Ah! por nossos peccados, foi-nos recusada, e os vencedores

lho, que conservaram a plateia em risota constante.

Applaudidissimos no fim e brindados com lindos bouquets.

Desempenhada regularmente, quanto á declamação, a zarzuella *Simão, Simões & C.*

Caracterizados distinctamente os srs. dr. Lopes e Coelho. O Padre Maia para isto... pinta-se!

As vozes más, desafinadas e côchas.

A actriz, D. Margarida Dubini, foi bem em todo o espectáculo.

No domingo proximo voltam á scena n'aquelle theatro o mesmo drama e entre-acto e a comedia *Prociósidades da Familia*.

Estas poucas linhas querem dizer—quem escapa lá n'esse dia?

Os bilhetes continuam á venda e pelo mesmo preço na loja do Cerqueira, á praça, e o espectáculo deve começar ás 8 e meia.

Preparai-vos bem, povo, e não falteis no domingo ao theatro, ao theatro.

## Semana Santa

O tufão da indigencia atravessa a nossa villa. Tudo pobre, tudo...

Até a Semana Santa d'e-te anno foi pobrissima: as melhores cerimoniaes, os officios, faltaram.

A não ser as procissões de quinta e sexta-feira, nada vale uma noticia.

Musica—marchas funebres—regidas a batuta pelo sr. Luiz—o Rossini, e sermões pelo rev. Pinto, de Aguada, muito pobres, muchos, descórados, sem substancia—foi o que melhor appareceu!

—No domingo procissão antes da missa do dia.

Sahiu ás 10 horas. Enorme a gente mōça a seguir-a; a musica afinada, e isto sem o auxilio da batuta do regente!

A' noite, theatro, e nada mais.

## Apontamentos rapidos

Passou o dia de Paschoa n'esta villa com sua ex.<sup>ma</sup> mãe, o nosso querido amigo e companheiro de trabalho, Sequeira Vidal.

Abraçamol-o. Sympathico, expansivo e espirituoso como sempre.

Regressou ao Porto na segunda-feira.

—Veio passar as fêrias á terra o nosso estimado amigo, Manoel Bismark.

Passou dois dias n'esta villa. O que são saudades!

Quantas elle levou para Alequer e quantas mais deixou, quantas!...

—Domingo e segunda-feira proxima, ha a festividade de N. S. do Desterro, em Arada, que costuma

que o medo tinha tornado cruéis, foram sem piedade. Os homens prezos com as armas na mão, foram fuzilados, e as mulheres açoiadas.

—E fuzilaram meu pae?

—E chibataram vossa mãe.

—E chibataram minha mãe!... Mas, ao menos... vive ella ainda?

—Deus a tenha em bom lugar, diz o velho cura impellido a dupla porta perto da qual Thereza estava encostada... Ella não sobreviveu aos tormentos que lhe inflingiram.

A pobre viuva que acabava de ter com a filha dos dois martyres uma linguagem tão inconsiderada, comprehendeu que tinha cometido uma grave falta e eclipsou-se promptamente, deixando Thereza semi-desmaiada nos braços de seu tio.

(Continua)

## Folhetim da FOLHA D'OVAR

(4)

## O ultimo sobrinho de Frei Angelo

POE

PROTCHE DE VIVILLE

TRADUÇÃO DE

AUGUSTO MAXIMO RANGEL

—Oh! disse ella, eu saberei a razão d'isto.

E a sua physionomia tomou um aspecto inteiramente novo. Sob o imperio do medo e da angustia, a creança fez-se mulher. A chrysalida transformou-se em borboleta.

Ao fundo da egreja algumas mulheres do povo estavam piedosamente ajoelhadas. Todas choravam.

Seus vestidos esfarrapados tes-

desterrar muito do nosso povo até lá, especialmente na segunda-feira. Não faltaremos também.  
—A estudantada retirou.  
Trauquillizem-se os paes de familia.

**Estada**

Estiveram no domingo entre nós, o ex.<sup>mo</sup> dr. Fonseca e o ex.<sup>mo</sup> sr. Fortunato de Almeida, tenente de cavallaria 10.

**Partida**

Para a Regoa seguiu na segunda-feira o nosso amigo, Antonio Pereira Carvalho.  
Saude e dinheiro.

**Recebemos**

Da casa editora dos srs. Belem & C.<sup>a</sup> as cadernetas n.<sup>os</sup> 7 e 8 do romance *A Viuva Millionaria*.  
Agradecemos.

**Uma pergunta?**

«Porque não continuam os *sabios* a publicar o resumo das actas das sessões camararias?  
Queriam que os seus actos fossem tão publicos e agora!...  
Oh quantas embrulhadas por lá irão!  
(*Povo d'Ovar* n.<sup>o</sup> 73, de 18 de dezembro de 1887.)

**Incommodado**

Assim tem estado o nosso amigo e distincto advogado, José de Almeida.  
Dó coração lhe desejamos as melhores.

**Desastre e morte**

Falleceu na tarde de terça-feira um pobre moleiro do Salgueiral, por nome João Eleuterio, victima de um desastre em casa do sr. Manoel d'Oliveira da Cunha, na Estação.  
O fallecido andava no sotão da casa a descarregar arroz, desabando n'essa occasião parte do soalho e muitas saccoas d'esses cereaes sobre o infeliz victima.  
Vimol-o ainda vivo, e antes não o vissemos, tal eram os graves ferimentos que apresentava!  
Pobre e desditoso!

**Acção philantropica**

Quando chegou ao Brazil a noticia do ultimo incendio no Furadouro, o nosso compatriota, o sr. Joaquim Alves da Cruz, residente em Manãos, auxiliado pelos srs. José Correia d'Araujo e Eduardo Pinto Ribeiro, abriu uma subscrição que attingiu a importancia de 35 libras, que foi remetida ao sr. João Carrelhas, em saque a 90 dias de vista, sobre Liverpool, saque que o sr. Carrelhas vendeu á casa Andresen, do Porto, ao cambio de 427/8, produzindo réis 197\$645.  
Esta quantia foi na manhã de quinta-feira ultima, distribuida pelos pobres que no referido incendio, perderam os seus palheiros, unicos bens que possuíam.  
Acções d'estas, são dignas de registo e por isso deixamos aqui consignado, em nome dos pobres contemplados o nosso profundo reconhecimento, fazendo votos para que a prosperidade e a ventura sejam inseparaveis companheiras de tão caritativos cidadãos.

**CHRONICA**

**Lagrímas e sorrisos**

Passo os dias da vida rindo e chorando; e, como eu, a humanidade inteira.  
Ainda na semana passada a tris-

teza enluctou-me o peito, empanou o brilho do riso... innocente, prostrou-me, sotornou-me...

Chorei, mas chorei commovidissimo, perante o quadro despedaçador da Virgem Mãe, olhos para o céu, ternos, dolorosos, pela morte do filho Deus em seus braços que o prégador de quinta-feira da Paixão mostrou.

Rio agora, e comecei a rir no domingo, dia de festa, procissão soberba acompanhada de leitoras frescas, bellas, encantadoras e...

Ai, pae do céu!...

Grande espectáculo no Real Theatro «Ovarense» que houve n'esse dia. Fui lá também. Passar horas agradaveis sómente na admiração dos amadores conhecidos?

Não. A minha «bem-amada» prometteu ir ver o *Ermitão da Cabana* e ver-me.

E eu vi tudo, tudo, vi até de mais.

Naquella casa, além do brilhante adorno, das *toilettes*, transpareceu o refulgentissimo brilho dos olhares das madamas cá em baixo, na plateia, quasi occupada pela «fina flôr» do sexo forte.

Louca, endiabrada e ciumenta a rapaziada.

—Como ella me ficla! ama-me com certeza—dizia um.

—Perdôa-me. Primeiramente, o attendido fui eu, eu só—emendava o visinho da esquerda.

E eu, de longe, ria-me da leviandade d'aquellas cabeças.

Nas galerias appareceu bom peixe, muito fresco e creio que muito saboroso.

Furtivamente, examinei-o.

Foi curto esse exame chamado pelo instincto dos meus 23 annos— a minha «bem-amada» prohibiu-me por gostos que só eu pude comprehender.

Seria meia noite quando finalizou o espectáculo?

Não sei, mas sei que evacuada aquella caza, não completamente— pois ainda fiquei eu e outros— correu o panno e vi com grande pasmo uma meza comprida, toalha alva como leite desenrolada, copos, pratos e que mais?

Sentei-me á esquerda do dr. Augusto Barboza, um bom rapaz, um pandego, um conquistador.

—Sirva-se!—intimaram-me.

Servi-me, comi, gostei.

Grande animação.

Foi o Lopes, o nosso Lopes, o sympathico dr. Lopes um papagaio de principio até final do segundo espectáculo.

Os brindes foram poucos: cada um dos circumstantes pedia a palavra e fallava de dez a quinze vezes.

Faltou, para alegria completa, o Fragateiro-politico-bacharel, o fidalgo da clak russa, o despeitado por não ser admittido na *troupe* «high-life».

Tudo n'este mundo é assim: quem não dá nem deixa dar, quem não consente nem deixa consentir, quem não é nem deixa ser, é trante.

Pois aos olhos prespicazes e scintillantes do immortal Fragateiro é o mundo assim encarado.

—Teremos por toda a semana, creio talvez no sabbado, récita no nosso theatro pela *troupe* do grande Fragateiro, e composta sómente do Fragateiro. E' ensaiador quem?

O rev. Manoel Baptista (uma *notabilidade!*) e a orchestra é a do Rossini—do Luiz, do homem da *batuta!*

A postos!

Tres *jovens, talentosas e engraçadas* leitoras enviaram-me a carta seguinte, de estylo cheio d'arrebiques, orthographia chinesa, acompanhada de uma lembrança.

Aprecie-se:

«Ex.<sup>no</sup> Snr.<sup>e</sup> Jaime—Por Especial favor.—Ovár.—1/3/93—  
Ex.<sup>no</sup> Snr.<sup>e</sup> Jaime—Dgn.<sup>co</sup> Voça

Ex.<sup>a</sup> Receber... Esta encegneficante. lembrança, que lhe devolvemos para dia do seu noivado; Enfeitos que lhe mandamos por saber que está proximo o dia do seu congorçio... dia emque o ade torerão felis? E dia que eu espero ancioza mente para lhe devolvermos algomas garrafas do jenoinu, esperamos como leitoras e assignantas ser combidados. Agora Dgn.<sup>co</sup> receber o noço amigo os mais sinceros parabens Destas que são seus sinceras amigas Dedicads e cince-res do coração Viva as cónicas do nosso Jaime viva viva o Jaime.»

Agua com força para a cabeça, minhas *illustradas e espirituosas leitoras!*

Santa Catharina vos acuda a tempo! Amen.

Jaime.

**CORRESPONDENCIAS**

Rezende, 28 de março de 1893

Sr. redactor:

Por diversas vezes tenho lido o seu jornal *Folha d'Ovar*, mas até á data d'hoje ainda não encontrei nada, nem pró nem contra o nosso Zê Dias!...

Pois olhe: o nosso Zê não é para desprezar, porque immortalisouse com as suas sabias leis e reformas! Pelo que vejo, v. não tem conhecimento d'ellas?! Attenda: refundiu todas as leis parecendo até que queria imitar um Licurgo ou Marquez de Pombal, tanto nas reformas que fez como na administração d'ellas; mas diz lá um adagio: que quem ao mais alto sobe, ao mais baixo vai cahir; e não será verdade elle cahir lá no fundo dos fundos de Mirão?... Além de muitas reformas, temos, por exemplo, a fazendaria, que não quero mesmo entrar na apreciação d'ellas; temos a das obras publicas, que é uma maravilha do nosso Zê; e temos a reforma administrativa (6 d'agosto), que então é a confusão das confusões!!!...

Por esta reforma extinguiu os tribunaes administrativos, as juntas geraes do districto, que tantos seculos e seculos têm atravessado e que só foram exterminadas pelo braço possante do nosso Zê!!! Tirou a facultade tributaria ás juntas de parochia, ficando obrigadas a fazer certas despesas, sem que para isso tenham alguma fonte de receita, passando estas attribuições para as camaras municipaes. Juntas ha que não têm de receita ordinaria cinco réis, e têm a fazer despesa obrigatoria, como: sachristão, lavagem de roupas e alfaias, despesas na residencia dos parochos e todas as despesas com o culto, etc. Ora, não tendo as juntas receita alguma, como succede na maior parte d'ellas, e coarctadas de lançar contribuição directa de repartição e lançamento, como hão de satisfazer a faes encargos? Como ha de sustentar-se a despesa com cera, azeite e mais despesas diarias na egreja, se o sr. Zê Dias e mais *Ferreira*, houve por bem ordenar no dia 6 de agosto, a reforma administrativa— a confusão das confusões? Estarão porventura os parochos obrigados a sustentar á sua custa os altares, de cera, para celebrarem o santo sacrificio da missa? Não. E' urgente, pois, uma reforma n'este sentido, ou a revogação immediata da reforma administrativa de 6 d'agosto de 1892.

Ao nobre ministro do reino cumpre providenciar n'este sentido. E, convencido de que tomará este pedido na devida conta e como a necessidade o reclama, termino pedindo a v., sr. redactor, a publicação d'estas mal elaboradas linhas, no que ficará muito reconhecido o  
De v., etc.,  
Zê Gallo.

**Ruivães de Sinfães**

Sr. redactor:

No dia 23 do ultimo mez, publicou uma correspondencia da vizinha comarca de Rezende, terra do meu cliente José Farellos...

Na referida correspondencia fallava-se d'um Silverio, d'um Custodio—oh! que *bródio!*...

Na qualidade de mero apreciador da má lingua, vou dizer a v. o seguinte:

Na vizinha comarca de Rezende, aonde o seu jornal é muito lido (S. Cypriano), corre um *zum-zum* por causa da referida correspondencia, na qual se fala d'uns cor-religionarios de João Chagas, etc. etc.—poutinhos...

Consta-me que um d'elles está zangado, como minha sogra se zanga ás vezes comigo. Terá rasão de tudo isto, por que aquillo levava agua no bico... Para outra vez não acredite muito no tal Farellos, porque a tranca ou o ferro, gira no lombo ou no fole das migas!...

Porque não trata elle seriamente das poucas vergonhas que se dão em S. Cypriano? Perdão! chegou-me um freguez doente, e primeiro está a obrigação do que a devoção: vem atacado d'uma febre, produzida por uma rosquiação... amarella e então vamos ao Almeida Pinto, que elle dá remedio para tudo!!...

Por mais que se esfolhe folha por folha, pouco ou nada descobri, a não ser um *amoliente* para tomar ás gottas, misturado com folhas de *beladona*, etc.; misture e mande.  
—Vamos lá.

Pois não sabe que o Custodio do Cabo e C.<sup>a</sup> preferem dar tudo para a justiça do que ficar sem nada? O Paulino da R... prefere andar toda a vida em molêtas do que deixar de continuar com as suas vias-sacras por *Vale de Mil* e Chorão de Fornellos, por ter a felicidade de não escaldar os pés?

—E o fidalgo da Torre? esse... quem lhe deixar vir as pombas ao bagaço, também tem tudo o que quizer com elle... porque assim evita de mandar ao Carneiro que fica longe.

Mas então gosta que as pombas lhe venham ao bagaço? Gosta, sim, senhor, porque elle mata-as e poupa de mandar á carne. Ora essa! Um fidalgo a matar pombas tem graça.

—Fidalgo... Fidalgo, mas então v. não sabe que as maiores economias se vêem nos fidalgos?

—Pois isso é verdade? Mas então a quem elle matou as pombas não era amigo de lá de casa?

—Amigo!... Não só era amigo, mas até costumava ir lá passar as noites.

—E então elle fez-lhe uma desfeita assim?

—Aquillo não é desfeita, homem, porque é um fidalgo...

—Está bem, está bem, então que continue.

—Ah! Não é preciso recomendar-l'ho.

José da Cózta Torta.

**SECÇÃO CHARADISTICA**

DECIFRAÇÕES DO N.<sup>o</sup> ANTECEDENTE

Charadas Minho e Douro

- Da 1.<sup>a</sup>—*Alares.*
- Da 2.<sup>a</sup>—*Carocha.*
- Da 3.<sup>a</sup>—*Noel-Leon.*

**COMMUNICADO**

Amigo redactor:

Ao pedir-te a publicação d'estas linhas, tenho sómente em vista esclarecer da verdade o publico, mal

impressionado com a leitura de duas correspondencias publicadas no *Jornal d'Estarreja*.

Não sou assignante d'esse jornal, mas tenho lido alguns numeros d'elle, especialmente aquelles em que tem sido publicadas correspondencias de Vallega.

Ao lér a primeira d'essas correspondencias (refiro-me ás do *Sesostris*) senti-me impellido por um poder occulto—o amor da verdade— a vir á arena do journalismo re- batar algumas phrases que o Sesostris no auge do despeito dirigiu ao digno professor de Vallega, o sr. Domingos de Mattos e Silva. Não o fiz, porém, por conhecer que era sómente o despeito o que o fazia falar: deixei o homem desabafar.

Mas ao lér o *Jornal* de 30 de março, deparei com outra correspondencia, em que o homem continúa o seu desabafo, tentando conspurcar com a sua prosa rasteira a boa reputação do nosso amigo professor.

Em poucas palavras vamos mostrar ao publico a verdade dos factos.

Diz entre outras coisas o homem, que a escola do sexo masculino da freguezia de Vallega está fencionando n'um curral, por mero capricho do professor, que teima em conservar-se lá.

Mente, meu caro, e desculpe a franqueza com que lhe falo.

O professor não está n'aquella casa por sua vontade; está n'ella porque lhe não dão outra.

O professor estava n'uma casa que satisfazia as condições necessarias a uma escola, quando o ex-presidente da junta de parochia o intimou a mudar-se para outra (ainda competia ás juntas de parochia o provimento de edificios para as escolas); essa casa, porém, foi reprovada pela inspecção e a junta negou-se a alugar-lhe outra casa, recusando-se mesmo a pagar o aluguer da primeira. O professor pagou ainda dois mezes a renda da casa, mas, como o ordenado dos professores não chega para muito e o professor não tinha obrigação de pagar a renda da casa, resolveu dar aula em sua casa, até que lhe fosse indicada uma em condições de n'ella se poder dar aula.

Até hoje, porém, ainda lhe não foi indicada casa alguma.

E então o professor está n'aquella casa por mero capricho seu, sr. *Sesostris*?

O que é o despeito!...

E isto é um facto que ninguem pôde contestar.

Julgo ter esclarecido o publico da verdade: podia ainda dizer alguma coisa sobre o cumprimento dos deveres do professor, porém tudo o que dissesse tenderia a louval-o, e nós, conhecendo que a modestia é uma das qualidades que exornam o seu character, abstemonos de o fazer.

Termino, pois, desejando que o publico e o *Sesostris* fiquem satisfeitos, mas voltarei ao assumpto, se julgar necessario.

Casimiro.

**Theatro Ovarense**

DOMINGO 9 DE ABRIL DE 1893

Recita em beneficio por amadores. O drama em 3 actos

**O Ermitão da Cabana**

O entre-acto comico em 1 acto

**O QUARTO COM DUAS CAMAS**

A comedia em 1 acto

**Preciosidades da familia**

Principia ás 8 e meia horas.  
Preços:—Plateias, 300 réis; galerias, 160 réis.

**ANNUNCIOS**

Pós de carvão, quina, es-  
sencia de hortelã pimenta,  
etc., para limpeza dos den-  
tes.  
E. Zagallo de Lima—Praça, 63

MAURICIO GUÉRIN

**SEGRED SO DA SCIENCIA**

ARTES E OFFICIOS

A' venda na IMPRENSA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73.—Preço 400 réis.

**As pessoas quebradas**

Com o uso por algum tem-  
po do milagroso emplastro  
ANTEUPHÉLICO, se cu-  
ram todas as roturas (quebra-  
duras) ainda que sejam mui-  
to antigas.

Preço da caixa 1\$300 réis.  
Remette-se pelo correio a  
quem enviar a sua importan-  
cia em vale do correio.

**Molestias de pelle**

POMADA STYRACINA

Cura prompta e radical de  
todas as molestias de pelle:  
as impigens, nodos, borbu-  
lhas, comichão, dertos, her-  
pes, lepra, panno, sardas e  
as feridas antigas.

Preço, 600 réis cada caixa.  
Remette-se pelo correio a  
quem enviar a sua importan-  
cia em vale do correio a *Ma-  
noel Pinto Monteiro*, rua da  
Rosa, n.º 206—Lisboa.

**NOTAS DE EXPEDIÇÃO**

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

**COMPANHIA REAL**

DOS

**Caminhos de Ferro Portuguezes**

Impressas nitidamente em  
bom papel. PREÇOS, por  
milheiro, muito rasoaveis.  
Ha sempre grande deposito  
na

**Imprensa Civilisação**

Largo da Pocinha, 73 a 77  
**PORTO**

EDITORES—BELEM & C.ª—LISBOA

**A VIUVA MILLIONARIA**

ULTIMA PRODUÇÃO DE

**EMILE RICHEBOURG**

Auctor dos romances: *A Mulher Fa-  
tal, A Martyr, O Marido, a Avó,  
A Filha Maldita e a Esposa*, que  
teem sido lidos com geral agrado  
dos nossos assignantes

*Edição illustrada com bellos chro-  
mos e gravuras*

A fama do admiravel trabalho,  
que vamos ter a honra de apresentar  
á elevada apreciação dos nossos assi-  
gnantes, e cuja publicação está ter-  
minando em Paris, centro principal  
de todo o movimento literario contem-  
poraneo, tem sido alli consagrada por  
um exito verdadeiramente extraordi-  
nario, que mais e mais tem engrande-  
cido e exaltado a reputação do seu  
auctor, já tantas vezes laureado. E  
com effeito nunca **EMILE RICHE-  
BOURG** provou tão manifesta e exu-  
berantemente os grandissimos recur-  
sos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se  
desenvolve no meio de scenas absolu-  
tamente verosimeis, mas ao mesmo  
tempo profundamente commoventes  
e impressionantes, excede, debaixo  
de todos os pontos de vista, tudo o  
que o festejado romancista tem escri-  
pto até hoje, e está evidentemente  
destinado a tomar logar proeminente  
entre os trabalhos litterarios, mais  
justamente apreciados a actualidade.

A empreza, que procura sempre  
com o maior escripto e ponderar  
dignamente ao favor dos seus assi-  
gnantes espera continuar a merecer  
o seu valioso auxilio, que mais uma  
vez se atreve a solicitar.

*Brinde a todos os assignantes*

Uma estampa em chromo de  
grande formato, representando a

*Vista da Praça de D. Pedro*

EM LISBOA

Tirada expressamente em pho-  
tographia para este fim, e reprodu-  
zida depois em chromo a 14 cores. co-  
pia fiel da magestosa praça em todo  
o seu conjunto. Tem as dimensões  
de 72 por 60 centímetros, e é incon-  
testavelmente a mais perfeita que  
até hoje tem apparecido.

*Brinde aos angariadores em 2,  
4, 10, 15 e 30 assignaturas.*

**Condições d'assignatura:**  
—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis;  
folha de 8 paginas 10 réis. Sahirá  
em cadernetas semanaes de 4 folhas  
e uma estampa, ao preço de 50 réis  
pagos no acto da entrega. O porte  
para as provincias é a custa da  
Empreza, a qual não fará segunda  
expedição sem ter recebido o importe  
da anteciente.

A empreza considera correspon-  
dentes as pessoas das provincias e  
ilhas que se responsabilisarem por  
mais de tres assignaturas.

A comissão é de 20 p. c., e  
sen lo 10 assignaturas ou mais terão  
direito a um exemplar da obra e ao  
brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assigna-  
turas no escriptorio dos editores—  
rua do Marechal Saldanha, 26—LIS-  
BOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita se corresponden-  
te n'esta localidade.

**AGRADECIMENTO**

Os abaixo assignados sum-  
mamente penhoradissimos,  
veem por este meio, na im-  
possibilidade de o fazerem  
pessoalmente, agradecer a  
todas as pessoas que se dig-  
naram cumprimental-os, e  
lhe enviaram bilhetes de pe-  
zames, pelo fallecimento de  
seu sempre chorado filho,  
irmão e cunhado, Manoel de  
Pinho Valente, em regresso  
do Rio de Janeiro para Por-  
tugal.

Como porém, possa ter  
havido qualquer falta involun-  
taria (em participação fami-  
liar) pedem desculpa por-  
que foi devido ao estado de  
consternação.

Não podemos deixar de  
especialisar os ex.ºs snrs.  
Manoel Gomes Dias e dr.  
Francisco Fragateiro, dignis-  
simos directores dos jornaes  
semanaes (*Folha e Povo de  
Ovar*) por noticiarem o triste  
acontecimento, que tão fun-  
damente magoou o nosso co-  
ração.

A todos o nosso eterno re-  
conhecimento.

Ovar, 5 de Março de 1893.

*Antonio de Pinho Carlota.*

*Joanna Valente.*

*José Maria de Pinho Valente*

(auzente).

*José Augusto de Pinho Valente.*

*João de Pinho Valente.*

*Maria de Pinho Valente Pinto.*

*José Lopes Pinto Junior.*

*Maria Conceição d'Oliveira Va-*

*lente.*

*Maria Graça d'Oliveira Va-*

*lente.*

**AGRADECIMENTO**

A familia ausente e pre-  
sente da fallecida Joanna de  
Oliveira Duarte, agradecem  
por este meio a todas as pes-  
soas que os visitaram, e lhe  
enviaram bilhetes de peza-  
mes.

Ovar, 5 de Março de 1893.

**Imprensa Civilisação**  
LARGO DA POCINHA, 73 A 77 (RUA DE SANTO ILDEFONSO)

PORTO

Impressão nitida, prompta e por preços modicos  
de facturas, bilhetes de loja, circulares, mapas, obras de livro  
Impressos para associações de soccorros,  
assim como de todo e qualquer tratado typographic

CARTÕES DE VISITA A 160, 200, 240 e 300 RÉIS O CENTO

**Livros para registo DE HOSPEDES**

E **Relações dos mesmos** que  
os proprietarios dos hoteis  
são obrigados a enviar todos  
os dias ao commissariado de  
policia. Vendem-se na

**Imprensa Civilisação**

73 — LARGO DA POCINHA — 77

**Cartonagens**

Amendoas, Livros de Missa e Semana Santa

**NOVIDADE**

Cerveja **DANUBIA** e **BOCK-BIRR.**

Grande sortido de mantas, rega-  
tas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de  
outros armazens, desde 100 a 1\$500  
réis.

**SILVA CERVEIRA**

**LOJA DO POVO**

63 — PRAÇA — 63

**OVAR**

**CATALOGO DAS OBRAS**

A' VENDA NA

**Imprensa Civilisação**

Largo da Pocinha, 73 a 77 — PORTO

**Dramas, comedias e sce-  
nas-comicas**

- Cynismo, scepticismo e crença,* Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (1.ª edição) 300
- O captivo,* (do mesmo auctor), canção original 50
- Henriqueta, a aventureira,* (do mesmo auctor), drama em 3 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principaes scenas do drama 400
- Os homens que riem,* (do mesmo auctor), comedia em 3 actos 400
- Homens e feras,* (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos 400
- Os viscondes d'Algerão,* (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros 400
- O poder do ouro,* por Dias Guimarães, drama em 4 actos 500
- O Condemnado,* (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros 400
- Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores,* (do mesmo auctor) 400
- A Judia,* por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos 400
- Magdalena,* (do mesmo auctor), drama em 4 actos 400
- Helena,* (do mesmo auctor), comedia em 5 actos 400
- No palco* (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume 400
- Dá cá os suspensorios,* (do mesmo auctor), comedia em um acto 100
- Villão, o fugitivo da cadeia do Porto,* (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos 200
- Ambos livres,* por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto 100
- Os homens de bem,* por Antonio Correia, drama original em 5 actos 300
- Tribulações d'um marido,* por João Coutinho Junior, scena comica original 100

**Contos e historias diversas**

- O verdadeiro livro de S. Cypriano,* traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas 500
- Arte para curar bois, vacas, borregos, porcos, cabras e outros animaes* 60
- Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens* 40
- Historia dos tres filhos,* ou o gato das botas 20
- O noivado do sepulchro* (ballada) 20
- Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo,* conforme a escreveram os quatro Evangelistas 60
- Auto de Santa Barbara,* virgem e martyr, filha de Dioscoro, genito, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um ancião 40
- Acto intitulado Apartamento da Alma,* em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz: — A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima 40
- Auto de Santa Catharina,* virgem e martyr, filha do rei go-go de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim 40
- Auto do Dia de Juizo,* no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dátilo, um vilão, um tabellião, um carnicero, uma regateira e um moleiro 40
- Auto de Santo Aleixo,* filho de Eufemiano senador de Roma 40
- Auto de Santo Antonio,* livrando seu pai do patibulo 40
- O Judeu errante* (historia biblica) 20